

Uma província de cruz seca e mui penosa: dificuldades e conflitos para a expansão da fé na Bahia quinhentista

JAMILLE OLIVEIRA SANTOS BASTOS CARDOSO¹

A crise da Companhia de Jesus e as dificuldades para a conversão dos “gentios”

O jesuíta português Fernão Guerreiro que fora reitor em colégios lusitanos foi um dos escritores da vasta tradição inaciana que descreveu as missões empreendidas pela Companhia de Jesus tanto no ocidente como no oriente, escrevendo em 1603 Guerreiro narrou em tons de epopeia a saga jesuítica em diversos territórios que a Coroa portuguesa lançara seu domínio. Sua produção é tida como uma continuação da narrativa histórica do jesuíta espanhol Luis Guzmán. Em sua obra Guerreiro compilou as relações anuais produzidas pelos jesuítas em missões nas terras longínquas de além-mar, especialmente no Brasil que é o espaço que ora nos interessamos (GUERREIRO, 1930 [1603]: 373-379). Descrevendo as experiências vividas pelos inacianos a partir de suas próprias percepções o jesuíta constrói uma narrativa que tipifica o caráter apologético dos escritos da Ordem dos jesuítas.

A obra do escritor português por se tratar de uma Relação Anual, e narrar os supostos êxitos da missão evangelizadora dos inacianos em diferentes territórios enquadra-se no conjunto de textos produzidos pelos religiosos com teor edificante. Sendo assim o que sobressai na narrativa do padre é a grandiosidade do ministério exercido pelos seus pares que ao empreenderem a obra catequética em diferentes lugares estavam contribuindo de forma significativa para a dilatação da fé bem como para a expansão da conquista portuguesa e a efetivação da colonização cristã. No descrever de Guerreiro sem eles, os “valorosos” soldados de Cristo “incansáveis” em seu dever, a colonização estaria fadada ao fracasso porque o seu papel não repousava apenas na manutenção espiritual e na propagação do evangelho para a conversão dos gentios, os jesuítas desempenharam uma importante função como mediadores dos conflitos que se deflagraram em diferentes momentos entre os povos indígenas e os representantes régios.

Por se tratar de um texto em que o seu autor tem objetivos circunscritos, intencionalmente construídos para a exaltação da Companhia de Jesus, os personagens

¹ Mestranda em História Social (PPGH-UFBA). E-mail- jamilleoliveira19@gmail.com.

principais da sua narrativa são obviamente os padres inacianos, os povos indígenas são meros coadjuvantes, em parte desumanizados² seres rudes e inábeis “gente tão desamparada e incapaz” carentes do cuidado paternal encontrado nos jesuítas, e em parte vitimizados, “os pobres brasis” (GUERREIRO, 1930 [1603]: 374-375) que só poderiam esperar algo da sua “aptidão” para a conversão através da “tutela” dos missionários. Mas mesmo nas entrelinhas de um texto tão parcial e pragmático³ é possível perceber a ação política indígena relativamente autônoma que mesmo em face da escravidão e da redução nos aldeamentos impôs as suas próprias demandas e fazendo suas próprias escolhas, como o próprio Guerreiro afirma ao narrar a Revolta dos potiguares em que estes estabeleceram diversas condições para retornarem as fazendas dos colonos, “para defenderem suas vidas e liberdade” (GUERREIRO, 1930 [1603]: 378).

No discurso de Guerreiro assim como os gentios são desumanizados os jesuítas também o são, mas diferente da lógica que se opera para os brasis, os missionários são louvados em seus “grandes” feitos e em parte sacralizados por sua valorosa missão. Em algumas ocasiões percebe-se um caráter hagiográfico nas descrições do padre que vai tecendo em torno dos inacianos um texto no qual estes se tornam mártires do evangelho suportando com fervor e paciência as adversidades, os temores, os perigos, “a fome e a nudez” (II Coríntios 11:27 *in*: BIBLÍA SAGRADA, 1999: 869 NT), para nos reportar aos escritos paulinos, tudo em prol da glorificação do reino de Deus na terra.

Mesmo com o objetivo de exaltar os grandes feitos da Companhia, Guerreiro não deixa de expor as dificuldades encontradas pelos jesuítas nas terras luso-brasileiras, e são esses elementos dissonantes que interessam a nossa análise, pois nos permite acessar os limites da colonização cristã, muitos dos quais se considerados em um aspecto relacional trazem a tona a dinâmica dos contatos interétnicos e o agenciamento dos povos indígenas já que para que a catequização se efetivasse ou não as suas próprias demandas e organização cultural e social deviam estar imbricadas nesse processo.

Em seu livro quarto o escritor começa anunciando as notícias grandiosas da província do Brasil dando informações sobre atuação da Companhia nestas terras e logo expõe em um

² Guerreiro assim os descreve: “Ainda que os brasis de sua natureza são tão boçais e agrestes, todavia, como não há feras tão bravas que com boas obras se não venham a abrandar e domesticar”. p. 375.

³ Como veremos em seguida o contexto de descrédito em relação à Companhia de Jesus na década de 1580, no cenário de conflito com o governante régio e os colonos, teria influenciada a produção de textos que reafirmassem a grande aptidão dos jesuítas para o trabalho com os gentios. Assim o texto de Guerreiro também fora influenciado por essa tendência e é preciso analisa-lo no interior desse contexto.

tom descontente os problemas encontrados pelos missionários: “Foi sempre esta província mui trabalhosa e de cruz mui seca para os padres, em tanto que não sabemos outra em que os nossos, mores dificuldades padecessem na conversão dos gentios e conservação dos já cristãos” (GUERREIRO, 1930 [1603]: 373-374). Ao apresentar o problema Guerreiro então traz a tona as várias razões para as dificuldades enfrentadas pelos padres para a conversão dos gentios e na conservação dos que já foram batizados.

O primeiro elemento de caráter limitador da obra evangelizadora conforme Guerreiro seria a “variedade das línguas que tem este gentio” (GUERREIRO, 1930 [1603]: 374). O problema relacionado à comunicação foi realmente uma das dificuldades que os jesuítas tiveram que enfrentar desde os primeiros anos da sua empreitada missionária para a conversão dos índios.

A inaptidão dos gentios na prédica jesuítica relaciona-se também ao caráter linguístico “desarranjado” da fala dos brasis.

A “língua do índio” encontra-se distante da boa proporção do Verbo divino, pelos longos anos de captura sob a empresa do diabo. É língua esquecida e carente de categorias, que é preciso gramaticalizar e dicionarizar para que passe a equivaler às línguas vernáculas e, proporcionalmente, tal como elas, participe do Verbo divino (DAHER, 2014: 411).

É por meu dessa crença que os jesuítas vão intervir também no aspecto linguístico dos brasis. Já que sua língua era “inapta” para a transmissão do evangelho era necessário criar novas categorias para a sua adequação. Nesse sentido como fica evidente no *Diálogo sobre a conversão do gentio* (NÓBREGA, 1974 [1556]) apenas os missionários seriam capazes de fazer essa intervenção, pois são eles “os únicos detentores da palavra” e no seu devir por assim o ser “mediadores por excelência da graça divina, á qual o jesuíta acaba por entregar a salvação do gentio” (DAHER, 2014: 411). A questão da diferença das línguas gentílicas impôs aos inacianos a necessidade de criar mecanismos para se adaptar e tentar minimizar essa diversidade linguística, a criação da língua geral, que se tornou o idioma da catequese, foi uma das estratégias desenvolvidas pelos missionários para conseguir a comunicação com os povos Tupis. A *Arte de gramática da lingoa mais usada na costa* que fora escrita pelo padre José de Anchieta, publicada em 1595, já era usado no Colégio da Bahia desde 1555 para a instrução dos missionários na língua indígena.

Mas mesmo com a sistematização da língua as dificuldades de comunicação não foram sanadas já que além das línguas de tronco Tupi havia uma profusão de outras línguas dos

índios que ocupavam o sertão, os chamados “Tapuias”⁴, que desde o século XVI foram alvo de missões empreendidas pelos jesuítas.

O segundo elemento limitador do projeto catequético de acordo com Guerreiro seria a “grandeza da província e distância que há de umas partes a outras” (GUERREIRO, 1930 [1603]: 374). A questão da vastidão espacial se tornou um problema para os inacianos desde os primórdios do missionamento, nas expedições volantes os missionários atravessavam rios, estradas, matas e caminhos perigosos para começar a lançar a semente do evangelho e estabelecer núcleos de povoações coloniais. As dificuldades eram sentidas e narradas nas diversas cartas escritas pelos primeiros jesuítas. Mesmo com a construção das reduções fixas o problema do deslocamento continuava, pois a distância entre os aldeamentos e colégios era vasta, haja vista que os jesuítas se estabeleceram já no século XVI em diferentes capitanias: Pernambuco, Bahia, Ilhéus, Porto Seguro e São Vicente. De um extremo ao outro do território colonial era necessário o deslocamento de missionários, provinciais e visitantes. O número reduzido de padres nos anos iniciais da colonização demandava que houvesse constantes viagens de um a outro aldeamento para atender as necessidades missionárias.

A terceira dificuldade narrada por Guerreiro se relaciona com o problema dos deslocamentos já que para povoar os aldeamentos em fins do século XVI, na maioria das vezes construídos na Costa, era necessário descer índios dos sertões “e trazerem-nos para junto do mar” (GUERREIRO, 1930 [1603]: 374). Isso porque as populações indígenas que ocupavam o litoral sofreram um largo decréscimo devido às epidemias, as fugas em massa, e ao trabalho compulsório nos engenhos e fazendas açucareiras. A desarticulação dessas populações, e a desconfiguração da sua organização social e econômica gerara um estado de calamidade, mas também de emergência e reconfiguração, ao mesmo tempo em que a perda lhes causava desânimo e desalento, também lhes dava força para lutar a fim de reconstruírem o mundo ao seu redor.

Chegar até o sertão já era uma tarefa muito penosa e conseguir descer índios demandava um esforço ainda maior na tentativa de convencimento do principal da aldeia, o que se tornou cada vez mais difícil com as empreitadas dos colonos que financiavam jornadas ao sertão em busca de mão de obra. A questão da concorrência e do conflito vigente entre inacianos e colonos aparece nas entrelinhas do texto, não é claramente identificado por

⁴ Tapuais é uma categorização genérica que não corresponde a nenhum grupo específico, mas foi tomado pelos portugueses para designar os não Tupi, os índios “bravos” que ocupavam o vasto sertão. Lembrando que nesse período sertão consistia as terras desconhecidas que não faziam parte do litoral conhecido pelos portugueses.

Guerreiro como um elemento limitador, mas ao analisar a fonte e o contexto de disputas geradas nesse período pelo direito sobre os gentios, é possível constatar esse como um dos graves problemas desarticuladores enfrentados pela Companhia de Jesus⁵.

A presença dos portugueses para os índios se tornara então ameaçadora, portanto, o seu poder de decisão, resistência e revolta vem à tona nas muitas ocasiões em que rejeitaram a catequese e o deslocamento junto com os padres. Em outras circunstâncias para fugir da escravidão a solução mais viável encontrada no momento era o aldear-se junto aos padres, mas quando a situação nos aldeamentos também se tornava insustentável a fuga transforma-se em uma opção para a busca da liberdade e da sobrevivência.

As fugas e a tão recorrente “inconstância da alma selvagem”, que por vezes aparecem registradas nos escritos inacianos é vista pelos jesuítas como um dos elementos mais problemáticos e limitadores do processo de conversão e conservação dos “gentios”. As palavras de Nóbrega ao expressar a facilidade de conversão dos brasis e ao mesmo tempo a dificuldade de manutenção dos ensinamentos ministrados coloca em pauta o problema da inconstância dos gentios:

O converter todo este Gentio é mui fácil cousa, mas sustenta-lo em bons costumes não pode ser se não com muitos obreiros, porque em cousa nenhuma creem e estão papel branco para neles escrever a vontade, se com exemplo e continua conversação os sustentarem (NÓBREGA, 1988: 124-125).

A facilidade da conversão tão exultada pelos inacianos contrastava com a dificuldade de manter os ensinamentos no coração dos índios que por vezes voltavam para suas antigas práticas e costumes.

Os impedimentos que há para a conversão e perseverar na vida cristã de parte dos índios, são seus costumes inveterados, como em todas as outras nações, como o terem muitas mulheres; seus vinhos em que são muito contínuos e em tirar-lhos há ordinariamente mais dificuldade que em todo o mais, por ser como seu mantimento, e assim não lhos tiram os Padres de todo, senão o excesso que neles há, porque assim moderado quase nunca se embebedam nem fazem outros desatinos. Item as guerras em que pretendem vingança dos inimigos, e tomarem nomes novos, e títulos de honra; o serem naturalmente pouco constantes no começado, e sobretudo faltarlhes temor e sujeição (...) (NÓBREGA, 1988: 124-125).

Assim como descreve Guerreiro tratando da última dificuldade para o trabalho dos missionários em sua Relação “outra coisa que muito dificulta a conversão e cultivação desta

⁵ Analisamos melhor essa disputa no tópico a seguir.

gente é a muita boçalidade e pouca capacidade que sua natureza tem, que não sabemos outra mais boçal no mundo. Pelo que custa muito e fazê-los capazes das coisas de Deus” (GUERREIRO, 1930 [1603]: 375). A boçalidade na visão jesuítica referia-se a suposta “ignorância” e inaptidão dos índios a linguagem do evangelho “por serem inconstantes, e não lhes entrar a verdadeira fé nos corações” (NÓBREGA, 1974 [1556]: 6), estariam então desarraigados da palavra de Deus e da genuína conversão. Se por um lado a “inconstância” foi vista pelos padres como elemento negativo, para os índios ela tinha um significado avesso. Pois nesse universo de concepções trata-se de visões de mundo concorrentes e antagônicas.

Como nos apresenta Eduardo Viveiros de Castro o proceder dos índios, que na visão portuguesa era carregado de ambiguidades, condizia com os elementos culturais presentes em sua visão de mundo e organização social (CASTRO, 2002: 221). Assim sendo os brasis “eram bastante abertos e receptivos aos outros e aos novos elementos culturais, absorvidos por eles, porém, ao seu próprio modo, que não incluía nenhum tipo de sujeição” (ALMEIDA, 2014: 461).

A “inconstância da alma selvagem” interpretada diversas vezes pela historiografia e pela antropologia torna-se, portanto um elemento que reitera o agenciamento dos povos indígenas que em alguns contextos tomaram a conversão como estratégia de sobrevivência, ou de estabelecimento de alianças já que o batismo assemelhava-se para eles a um ritual como outros com os quais já estavam familiarizados em sua cultura.

Mesmo em face das dificuldades encontradas, do “peso do evangelho”, da inaptidão e “inconstância da alma selvagem” os jesuítas prosseguiram com a sua missão para a exaltação do reino de deus na terra e para a glorificação e reafirmação da Companhia. Bem como para a sua própria redenção já que no imaginário católico a salvação era adquirida pelas boas obras praticadas, nesse sentido à medida que se dedicavam à missão estavam trabalhando para ganhar a sua própria redenção. É assim, pois que Guerreiro conclui a sua explanação das dificuldades encontradas no Brasil pelos jesuítas com palavras de exortação reforçando a essencialidade do trabalho dos inacianos para a catequização dos indígenas e para a efetivação do projeto colonial:

Porque não somente os curam nas almas como pastores, pregando-lhes e ensinando-lhes a doutrina duas vezes no dia, confessando-os e administrando-lhes os sacramentos, enterrando os que morrem, ajudando-os a bem morrer, mas os padres os governam ainda no temporal e lhes dão ordem de como hão de negociar suas roças e lavoiras e remédio de vida e quando estão doentes, os padres são seus médicos e enfermeiros e enfim se hão com eles como pais com filhos e tutores com

pupilos e de modo que se os padres não foram, nem um só índio brasil houvera hoje em toda aquela costa, porque todos já foram ou consumidos ou fugidos e metidos pelo sertão, nem também o próprio Estado do Brasil se pudera conservar (GUERREIRO, 1930 [1603]: 375).

Ao relacionar a fuga com a essencialidade dos jesuítas, Guerreiro acaba, mesmo não sendo a sua intenção, trazendo a tona a também essencialidade do indígena no projeto colonial, sem estes também a colonização estaria fadada ao fracasso, e com suas constantes fugas eles causavam desestruturação dos empreendimentos jesuítas e coloniais. Nesse sentido, a resistência dos brasis a catequese deve ser visto como um dos elementos que corroboraram para a crise da Companhia de Jesus em fins do século XVI.

A historiadora francesa Charlotte Castelnau-L'Estoile em sua obra *Operários de uma vinha estéril* faz uma importante análise sobre o período de crise da Companhia de Jesus (CASTELNAU-L'ESTOILE, 2006: 124-127). Ao discorrer sobre os anos finais do século XVI e a atuação dos jesuítas nas terras brasileiras a autora argumenta que a constante reformulação do projeto missionário inaciano demonstra as dificuldades encontradas pelos missionários devido a uma série de fatores que limitavam o desenvolvimento do seu projeto missionário e expansionista tais como os evocados por Guerreiro.

Assim, a análise de Castelnau-L'Estoile apresenta uma importante contribuição, pois traz a tona a crise da Companhia de Jesus numa perspectiva dentro da ordem. Mas, como observamos é importante associá-la não apenas numa perspectiva da política colonial, mas também da ação política indígena que através de esforços individuais e coletivos por parte dos líderes e suas comunidades, resistências e até o atrelamento a sociedade colonial nos aldeamentos lançou limites e percalços para o desenvolvimento do processo de colonização.

Atentar para esses elementos não é salientar o óbvio, mas dá lugar a uma parte esquecida e por vezes negligenciada pelas interpretações reducionistas que tentam construir uma linearidade e teleologia na história reafirmando a supremacia do projeto “vencedor”, e que acabam por não dar voz a certos sujeitos históricos que não foram apenas vítimas irreversíveis do sistema colonial, mas também protagonistas da história.

Portanto a conversão não era apenas limitada por elementos estruturais e conjunturais a ação política indígena através dos seus líderes políticos e espirituais trouxe limites para a catequese jesuítas, bem como para o estabelecimento dos empreendimentos coloniais. É no

interior desse processo que surge a figura do caraíba, o grande senhor da fala, mestre em persuasão e na prédica antijesuítica em tempos coloniais.

Os elementos de disputa e os níveis de conflito

Jesuítas e colonos

Se começaram logo a motinar confirmando-se mais no que antes imaginavam, que os queriam os portugueses cativar, pelo que logo se puseram em ordem de peleja para defenderem suas vidas e liberdade (GUERREIRO, 1930 [1603]: 378).

Defender suas vidas e liberdades se tornara uma tarefa profundamente trabalhosa para os indígenas que tiveram contato com a sociedade portuguesa. Para assegurá-la fora necessário recorrer a fugas, levantes, revoltas e muitas outras formas de resistência. Principalmente porque após o primeiro momento da colonização que se dera através de trocas simétricas a situação se tornou insuportável com imposição do trabalho compulsório devido à demanda de mão de obra para a engrenagem do sistema colonial e da economia açucareira. E fora a necessidade de mão de obra por parte dos colonos que gerara um contexto de disputas e choque de interesses entre colonos e jesuítas. Os inacionos pretendiam conter os “gentios” em seus aldeamentos, já os colonos queriam torna-los escravos em suas fazendas e isso suscitava uma série de situações hostis dada as constantes investidas dos colonos nos aldeamentos. Tais circunstâncias causaram desassossego para os jesuítas que viam nessas investidas uma ameaça para o bom proceder da obra de evangelização. A contraofensiva entre colonos e jesuítas já era antiga e girava em torno do direito sobre os índios, Anchieta narra as incursões dos portugueses em busca de obter mão de obra fazendo assim grandes agravos às populações indígenas (ANCHIETA, 1946 [1583]: 13-14).

Os assaltos aos aldeamentos eram constantes e geravam uma situação insustentável para os jesuítas já que, como descreve o padre Anchieta, muitas igrejas foram despovoadas devido às fugas causadas pelos assaltos dos colonos às missões jesuíticas. É nesse contexto que são instituídos capitães nas aldeias para impedir que os colonos as assaltassem e levassem os índios para fazê-los escravos, mas isso não impediu que as incursões continuassem já que como narra Anchieta esse foi um projeto malogrado (ANCHIETA, 1946 [1583]: 17).

A grande controvérsia entre jesuítas e colonos girava em torno do direito a liberdade dos índios, muitos entre eles não acreditavam que os indígenas eram providos de humanidade, mesmo com a bula papal de 29 de maio de 1537 que declarava os índios como aptos para

receber os sacramentos, passíveis de conversão e sendo assim livres por natureza e senhores de suas ações.

As lutas não se restringiam apenas ao campo moral e legal, pois:

Os colonizadores viam as aldeias missionárias como concorrentes no controle dos trabalhadores índios que se faziam cada vez mais necessários nas fazendas açucareiras em crescimento, principalmente porque as doenças e resistência dos índios diminuam ainda mais a disponibilidade de mão de obra indígena (SCHAWRTZ, 2009: 272).

Justamente por conta desses fatores destacados por Schwartz o conflito entre jesuítas e colonos vai se acirrar no final do século XVI. Dado o decréscimo da mão de obra indígena nas fazendas de açúcar os colonizadores não mediram esforços para tentar saltar os “gentios”, usando de diversas estratégias e artimanhas chegaram até a fingirem ser os próprios padres como narra Guerreiro em seu relato:

E com tudo isto, ainda depois que os padres os trazem do sertão, os brancos os andam a saltar e furtar, sem os padres lho poderem defender, a algumas vezes os mesmos brancos se fingem e vestem em trajo de padres até fazerem coroas nas cabeças, para que o pareçam de todo, e se vão ao sertão às aldeias dos brasis, dizendo-lhes que são padres, para os enganarem e se virem com eles como por vezes vieram, cuidando que vinham com padres e depois que os tem junto do mar os amarram e repartem entre si e levam cada um para os seus engenhos e fazendas (GUERREIRO, 1930 [1603]: 374).

Os jesuítas ficaram extremamente indignados com atitudes como estas e reclamaram ao governante régio que nos primeiros decênios do processo de colonização estabeleceu boas relações com os padres inacianos⁶.

Nesse contexto da mesma forma que os jesuítas denunciavam os colonos em seus escritos estes também procuraram desconstruir o papel dos inacianos mostrando que os missionários não eram apenas movidos por interesses religiosos, mas também temporais. Provavelmente o maior representante do discurso antijesuítico nesse período foi Gabriel Soares. Em 1586 o colono português e senhor de engenho, com uma das propriedades na região de Jaguaripe, escreveu *Capítulos de Gabriel Soares de Sousa contra os padres da Companhia que residem no Brasil* no qual discorre em tons de denúncia os sérios problemas dos inacianos que exerciam o ministério nas terras brasileiras. Dirigindo se ao rei Felipe II Gabriel Soares escreveu que os jesuítas passaram a proceder de forma interesseira buscando

⁶ Principalmente o governador Mem de Sá que favoreceu o trabalho missionário dos jesuítas e a criação dos primeiros aldeamentos.

os seus proveitos “demarcando terras, fazendo ‘casas de prazer para sua recreação’ e solicitando provisões do rei com grandes isenções” (AZEVEDO, 2013: 3). Com intuito de desconstruir o papel dos inacianos Soares delineia o seu discurso demonstrando que o trabalho missionário era vão, pois segundo ele os padres não conseguiram converter os índios.

A necessidade de provisão da mão de obra crescia consideravelmente com o rápido desenvolvimento da economia açucareira dessa forma os escritos do senhor de engenho tinham a função de tentar limitar a influência dos padres nos desdobramentos legislativos favorecendo assim os interesses dos colonizadores.

A gravidade das proceder jesuítico, conforme Soares legitimava a supressão do direito dos padres sobre os índios, direito que segundo ele deveria ser transferido aos colonos os quais passariam a administrar a mão de obra indígena. No mesmo período em que as críticas ferrenhas de Gabriel Soares foram elaboradas os padres jesuítas tiveram que enfrentar a hostilidade de outro grande inimigo, que trabalhou fortemente contra a atuação dos inacianos. Foi o então governador do estado do Brasil Manuel Teles Barreto um dos maiores adversários da Companhia de Jesus naquela época. Como enfatiza Adriel Batista tanto Gabriel Soares quanto Manuel Teles Barreto “cada um a seu modo, representam um grande empecilho às atividades da Companhia e promoveram um desgaste da imagem da Companhia como autoridade no trato com os índios do Brasil” (BATISTA, 2014: 9).

Manuel Teles Barreto mesmo antes de exercer a função de governador enquanto esteve como vereador da câmara se opunha as solicitações do Colégio jesuítico de Santo Antônio. Ao se tornar representante régio do governo com mais poderes em suas mãos procurou de todas as formas limitar as atividades jesuíticas na colônia “difamando-os junto à sociedade colonial e reinol” (BATISTA, 2014: 10).

Sua atuação na esfera política e administrativa refletiu sua parcialidade em favor dos colonos e contra os padres da Companhia de Jesus. Ao favorecer os pedidos dos colonos restringindo o pagamento das rendas dos missionários, Manuel Teles expunha toda a sua hostilidade aos jesuítas. Ao propagar em seu discurso a acusação de que os religiosos eram movidos muito mais por interesses econômicos do que espirituais, o governante procurou dismantlar toda a essencialidade da missão jesuítica que a Companhia desejava preservar. Além de considera-los interesseiros e mal intencionados, Manuel Teles os acusava “de tramar e fomentar revoltas indígenas contra o poder civil” (BATISTA, 2014: 10).

Conforme analisa Castelnau-L'Estoile essa oposição desencadeou uma repercussão negativa em relação aos jesuítas na corte do rei Felipe II trazendo a tona “uma verdadeira guerra de propaganda em Portugal e Espanha, e cada um dos campos [jesuítas de um lado, colonos ou seus representantes do outro] tenta impor a sua versão dos fatos” (CASTELNAU-L'ESTOILE, 2006: 123).

É nesse momento de disputas acirradas e tensões profundas que o caráter dos escritos inicianos se modifica substancialmente na tentativa de superar a crise política e reafirmar o papel da Companhia trazendo nas cartas e narrativas um teor apologético nos quais os jesuítas são apresentados como os verdadeiros “especialistas” do mundo indígena, os mediadores inevitáveis entre a coroa e os índios (CASTELNAU-L'ESTOILE, 2006: 125).

Nesse contexto o padre Luís da Fonseca escreveu o seu *Discurso das aldeias* a pedido do visitador da Companhia de Jesus Cristóvão Gouveia em defesa dos jesuítas e na tentativa de desconstruir o discurso por vezes difundido de que os padres jesuítas reivindicavam o direito sobre os gentios movidos por interesses temporais a fim de explorar o trabalho indígena:

Ao longo do *Discurso*, Luiz da Fonseca denuncia os colonos, responsáveis pelo fracasso das aldeias e pela desaparecimento dos índios. Em sua carta de 1585 ao rei, o jesuíta também mencionava a violência dos índios contra os portugueses, violência pela qual os colonos são responsáveis; a intenção evidente é culpar o governador insistindo sobre os erros dos portugueses e sobre a ausência de justiça (CASTELNAU-L'ESTOILE, 2006: 124).

Essa disputa continua ao longo da colonização devido ao jogo de interesses que se colidem em muitas ocasiões. Conforme podemos notar ao longo do processo de colonização as contradições e ambiguidades estiveram presentes no desenrolar dos séculos. No interior do projeto colonial a expansão territorial e a dilatação da fé foram os grandes motivadores para a conquista e colonização, ambos os processos estiveram em muitas ocasiões associados. No entanto em alguns momentos entravam em conflito.

É nesse sentido que a bifrontalidade foi marcante no decorrer do processo colonial, a medida que tanto exploração quanto evangelização ganharam espaço, mas em alguns momentos um projeto foi mais preponderante do que outro, em certas circunstâncias ambos se encontraram e em outras ocasiões esses entraram em conflito.

Jesuítas e mamelucos

Os mamelucos⁷, homens que carregaram a ambiguidade em seus traços físicos e culturais, não foram vistos com bons olhos pelos padres inacianos, já em 1556 Nóbrega se referia a eles como mestiços da terra “iguais com o Gentio; e também há destes impedimentos entre os cristãos que cá vivem” (NÓBREGA, 1988 [1549]: 148).

O padre José Anchieta passou a repugná-los pelo seu “caráter duvidoso” e por propagarem no sertão e nos aldeamentos uma mensagem contrária a catequese e aos padres jesuítas o que corroborou para o decréscimo populacional nas reduções missionárias. Em dois episódios o jesuíta narra a forma como os mamelucos desestruturaram os aldeamentos deixando-os quase despovoados por causa das suas ideias difamatórias transmitidas e propagadas entre os índios. No primeiro episódio no ano de 1568 o padre descreve com descontentamento como um mameluco causou grande alvoroço na região de Itaparica:

Ajuntou-se também, segundo diziam um mameluco, que com falsas palavras foi meter em cabeça ao gentio de Taperaguá, que o governador lhe queria dá guerra que foi causa isto com o mais que lhe os portugueses fizeram de se levantarem e darem rebate aos índios Tapepepigntanga e aos de Itaparica e fugiram todos sem os padres lhes poderem valer nem aquietar, porque como isto fazia coisa secreta, que o mameluco andava dizendo, eles também souberam fazer a sua tão secretamente que os padres o não souberam, senão quando já iam de caminho, e assim se perderam essas três igrejas aos quais foram povoadas com 8.000 almas. Depois que fugiram, poucos escaparam que não fossem escravos, porque uns vendiam os outros, outros se vendiam a si mesmos, introduzidos todos estes costumes pelos portugueses (ANCHIETA, 1946 [1583]: 16).

Tirando o exagero típico do padre Anchieta de responsabilizar a ação do mameluco para a falência das igrejas, nas devidas proporções é possível perceber que os mamelucos limitaram a ação missionária em diversos territórios causando descrédito a mensagem propagada pelos jesuítas e desacralizando as suas práticas colaborando para construir no imaginário dos nativos uma visão repulsiva dos padres e dos aldeamentos. O que gerou não apenas fuga e rejeição da catequese, mais também levantes e revoltas, como aconteceu na região da capitania de Sergipe del Rey por volta de 1574 (ANCHIETA, 1946 [1583]:42).

A repercussão que causara as palavras do mameluco, que segundo o jesuíta era um instrumento do mal, influenciou na decisão dos índios de fugirem do aldeamento e se levantarem contra os jesuítas e colonos que tentavam efetivar a ocupação na região acima do rio Real. O levante dos índios suscitou guerra com as tropas do então governador do estado do

⁷ O termo mameluco era usado para designar os indivíduos mestiços que possuíam uma ascendência indígena e branca.

Brasil Luís de Brito que avançou categoricamente na política de conquista dos territórios que ainda não estavam sob o domínio português.

A investida dos mamelucos foi sentida em vários aldeamentos o que desencadeou profundo descontentamento e revolta por parte dos padres jesuítas. Foi assim que por volta de 1591, o padre João Vicente, residente no aldeamento de Santo Antônio compareceu a mesa do visitador Heitor Furtado de Mendonça para denunciar alguns mamelucos e *lingoas* que iam ao sertão e por lá propagavam uma mensagem de completo descrédito as reduções jesuíticas. No processo do mameluco Francisco Pires temos a denúncia do inaciano:

Vão descer gentios do sertão costumam lá pregar aos gentios que não desçam com os padres da Companhia e que não desçam para as igrejas porque se descerem para eles não hão de ter muitas mulheres, nem hão de beber seus fumos e nem bailar nem ter os costumes de seus antepassados e que não hão de tomar nomes das matanças nem fazer as mais cerimoniais gentílicas de que eles usam (...) (ANTT, IL, pc. 17809, fls. 2v-3).

A denúncia do padre coloca em pauta as disputas e os interesses conflitantes entre mamelucos e jesuítas e traz à tona os limites da empreitada jesuítica para a catequização dos gentios, que atrelada à influência dos caraíbas e o conflito com os colonos vai corroborar para a crise da Companhia de Jesus dos fins do século XVI. A anticatequese empreendida pelos mamelucos era totalmente avessa aos propósitos dos padres, haja vista que o objetivo da redução era justamente extirpar as práticas gentílicas.

Tirar o gentio das influências “heréticas” era uma das motivações para a construção dos aldeamentos, dessa forma a mensagem propagada pelos mamelucos batia de frente e ia de encontro com o cerne do projeto catequético que era o abandono das antigas práticas, rituais e crenças. Ao invés de deixar suas práticas os mamelucos ofereciam aos indígenas um lugar de relativa liberdade para a manutenção dos seus costumes gentílicos. A denúncia traz à tona a política de aldeamentos e o que os jesuítas realmente pretendiam em efetivá-la que era tirar o gentio do convívio com os demais para a consolidação da catequese.

No aldeamento o objetivo era justamente esse de desconstruir os elementos culturais e sociais com os quais os indígenas estavam acostumados para os fazerem bons cristãos, súditos do rei e da Igreja. Era, pois o aldeamento um espaço de negação dos velhos hábitos e desconstrução das velhas práticas, mas como é possível observar através das fontes esses objetivos nem sempre foram alcançados e o projeto catequético esbarrou em diferentes limites e entraves para a sua efetivação. Com ameaça de ter suas formas de viver, seus hábitos e sua

visão de mundo desestruturados por uma cosmologia que lhes era adversa e completamente estranha muitos índios se recusaram aldear-se, buscando outros espaços em que fosse possível a sua sobrevivência cultural.

A “oportunidade” que os mamelucos ofereciam de poderem permanecer com as suas antigas práticas parecia lhes menos inconveniente do que descer com os padres. Em muitas ocasiões, devido a perseguição e a destruição dos seus territórios só havia duas opções para os indígenas ou descer com os padres para as reduções ou com os mamelucos para as fazendas. Os aldeamentos mesmo em alguns aspectos aparentarem ser um mal menor para os indígenas, por escaparem da escravidão, apresentavam outros tantos problemas para os nativos, já que nas reduções, mesmo tendo estatuto de livres, eles eram obrigados a prestarem serviço para os colonizadores nas fazendas e nas roças dos jesuítas.

O contexto no qual esses episódios se desenrolaram era de disputas acirradas e tensões em diferentes instancias sociais. Os povos indígenas vivenciaram a tragédia das epidemias, bem como o drama da conquista e da escravidão. Os jesuítas passaram por crises agudas internas e externas causadas por conflitos com a sociedade colonial e a sociedade indígena o que desencadeou a quase falência dos aldeamentos. Aos poucos e com muitas dificuldades os padres conseguiram reestruturar os aldeamentos depois da sua iminente destruição.

Mas, a despeito de conseguirem reestruturar as reduções os jesuítas continuaram enfrentando outros problemas para a efetivação do seu projeto missionário e para o (re)povoamento dos aldeamentos. Por conta do decréscimo da população indígena, a falta de mão-de-obra se tornou um problema para os senhores de engenhos e demais colonos do Recôncavo da Bahia. Assim sendo a disputa pelas “almas” indígenas acirra-se significativamente por parte de colonos e soldados mamelucos que entravam no sertão em busca de mão de obra e pregavam para os gentios que não descessem com os padres, empreendendo assim uma verdadeira anticcatequese, limitado, dessa maneira, o projeto catequético e os seus contornos no espaço colonial.

É nesse contexto que se insere a denúncia do padre João Vicente que prossegue em seu depoimento dando os detalhes do comportamento dos mamelucos e elencando os seus nomes para o visitador:

[os mamelucos] induzem os gentios que não desçam para as igrejas e que os que estas pregações e induzimentos fazem são os seguintes: Domingos Fernandes Tomacauna morador nesta cidade, Lazaro da Cunha, Francisco Pires, mamelucos moradores na fazenda do Conde e Apireira mameluco chamado na língua Mariqui

morador em Sergipe novo e Mateus Antunes morador em Pernambuco e outros mais que lhe não lembram os quais todos fazem os ditos induzimentos aos ditos gentios dando-lhes a entender que se eles descerem com eles lingoas para suas casas que os deixarão nos seus costumes gentílicos e que e que não lhos tolherão e também lhes faz os ditos induzimentos para que os ditos gentios se não desçam todos do sertão para as igrejas para que eles lingoas achem sempre no sertão gentios que vão buscar (...) (ANTT, IL, pc. 17809, fl. 3).

Para convencer os índios a descerem com eles para as fazendas e não com os padres jesuítas para os aldeamentos os mamelucos, familiarizados com a cultura indígena, prometem aos “gentios” que no espaço para o qual eles os levariam teriam toda a liberdade de continuar com suas práticas e crenças ao contrário do que acontecia nas aldeias missionárias. Percebendo as “vantagens” da promessa dos mamelucos muitos indígenas escolhiam descer para as fazendas e vilas coloniais recusando-se acompanhar os padres para as reduções. Mas na prática essa aparente liberdade era tida a custo do trabalho escravo e da exploração na grande lavoura nos empreendimentos coloniais de entradas e descimentos nos quais alguns índios foram empregados nas guerras.

O aldeamento era um espaço desarticulador de diferentes elementos da sociedade indígena. Já que um dos objetivos das reduções missionárias era a “aculturação” dos “gentios” para torna-los aptos aos propósitos do projeto colonial colaborando para a sua efetivação. Bem sabemos que esse objetivo não logrou êxito e enfrentou constantes resistências dos grupos indígenas que mesmo inseridos na dinâmica da sociedade colonial souberam construir respostas ativas e estratégias de remanejamento adequação e muitas vezes de negação da colonização cristã.

Uma parte significativa dos mamelucos denunciados por João Vicente foi processada pela Inquisição, pois além de pregar contra a catequização no sertão também se envolveram com a “seita herética e idólatra” esboçada pelos índios tupinambá: a Santidade de Jaguaripe. Que se tornou um problema para os jesuítas já que a “abusão” tinha um caráter anticatequético e motivou a fuga de indígenas de muitos aldeamentos no Recôncavo da Bahia. Os mamelucos responsáveis pelas prelações contrárias foram os mesmos que enviados por Fernão Cabral de Ataíde, usando os artifícios enumerados na denúncia anteriormente citada, fizeram descer para a fazenda do senhor de engenho boa parte dos membros da Santidade. Motivados pela concessão de poderem continuar praticando os seus ritos e manterem os seus costumes mesmo em território colonial os devotos encontraram em Jaguaripe um lugar de refúgio e propagação das suas crenças.

Bibliografia e fontes

- ANCHIETA, Joseph. *Primeiros aldeamentos na Baía*. Rio de Janeiro: Seção de documentação do Ministério da Educação e Saúde, 1946.
- ANTT, Inquirição de Lisboa, Processo nº 17809, 02 de novembro de 1592.
- AZEVEDO, Gabriela. Mexericos de um peito azedo: os capítulos de Gabriel Soares de Sousa. In: XXVII Simpósio Nacional de História, 2013, Natal. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História, 2013. v. 1. p. 1-18.
- BATISTA, Adriel Fontenele. Guerras e missão: os jesuítas e assistência nas guerras de conquista da Paraíba. In: CHAMBOULEYRON, Rafael & ARENZ, Karl Heinz (orgs.). *Jesuítas, expansão planetária e formas de cultura*. In: Anais do IV Encontro Internacional de História Colonial. Belém: Editora Açai, Volume 4, 2014.
- BÍBLIA, Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução por João Ferreira de Almeida. Baurueri –SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. 869p.
- CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte de. *Operários de uma vinha estéril: os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil – 1580-1620*. Bauru, SP: Edusc, 2006.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. *A Inconstância da Alma Selvagem e Outros Ensaios de Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- DAHER, Andrea. Narrativas quinhentistas sobre o Brasil e os brasis. In: FRAGOSO, João, GOUVÊIA Maria de Fátima. *O Brasil Colonial: volume 1*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p. 411.
- FREIRE, José Ribamar Bessa & MALHEIROS, Márcia Fernanda. *Aldeamentos indígenas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.
- GUERREIRO, Fernão. *Relação anual das coisas que fizeram os Padres da Companhia de Jesus nas suas missões no Japão, China, Cataio, Tidore, Ternate, Ambóina, Malaca, Pegu, Bengala, Bisnagá, Maduré, Costa de Pescaria, Manar, Ceilão, Travancor, Malabar, Sodomala, Goa, Salcete, Lahor, Diu, Etiópia, a alta ou Preste João, Monompotama, Angola, Guiné, Serra Leoa, Cabo Verde e Brasil nos anos 1600-1609*. E do processo de conversão e cristandade daquelas partes: tirada das cartas que os missionários de lá escreveram. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1930, Tomo I.
- NÓBREGA, Manuel da. *Cartas do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.
- NÓBREGA, Manuel da. *Diálogo da conversão do gentio*. Lisboa, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1974.
- SANTOS, Fabricio Lyrio. *Da catequese à civilização: colonização e povos indígenas na Bahia*. Cruz das Almas/BA: Editora da UFRB, 2014.
- SCHAWRTZ, Stuart B. *Cada um na sua lei: tolerância religiosa e salvação no mundo atlântico ibérico 1550-1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.